

---

## IDENTIDADE CULTURAL EM QUINCAS BERRO DÁGUA

---

Carlos Artur Conceição<sup>1</sup>

### RESUMO

Baseando-se nas noções de identidade cultural desenvolvida por Stuart Hall (2005) e de dispositivo problematizada por Foucault (2004) e ampliada por Giorgio Agamben em *O que é contemporâneo? E outros ensaios* (2009), discutimos como o protagonista da novela *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua* (1961), de Jorge Amado, se constitui enquanto sujeito sociológico, e como ele localiza e desativa dispositivos opressores. Desse modo, a partir da literatura comparada, este estudo bibliográfico detectou que Quincas é uma evidência dum sujeito cujas identidades são constituídas a partir da relação com o exterior, ele percebe a família enquanto dispositivo regulador de suas atitudes ao romper com a vida anterior, identificando-se com a rua.

**Palavras-chave:** Literatura Comparada; Identidade Cultural; Dispositivo; Família.

### ABSTRACT

Basing on the cultural identity notions developed by Stuart Hall (2005) and on the promatized device by Foucault (2004) and applied for Giogio Agamben in *O que é contemporâneo? e outros ensaios* (2009), we discussed how *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua* (1961) novel protagonist produced by Jorge Amado is constituted as a sociological subject, and how he located and deactivates oppressors device. This way, as a compared literature, this bibliographic detected that Quincas is a subject evidence which identities are composed of a exterior relation, but he detects the family as a regulator device of his actions when he breaks with the previous life, identifying wih the street

**Keywords:** Comparative Literature; Cultural Identity; Device; Family.

Publicada em 1961, por Jorge Amado, *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua* é uma novela que narra a saga do ex-Joaquim Soares da Cunha que se transformou em Quincas Berro Dágua, antigo funcionário público da Mesa de Rendas Estadual, depois de enojar-se da sua vida doméstica, abandona a casa, passa a viver livremente/errante. É importante comentar que, tais acontecimentos são pontuados apenas de relance na novela, pois, como sugere o próprio título, o enredo enfoca principalmente as três mortes de Quincas que em sua vida propriamente dita.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Crítica Cultural na UNEB. Bolsista da FAPESB. E-mail: carlosarturc@gmail.com

Depois da primeira edição, a novela fora traduzida para diversas línguas, já fora adaptada para o teatro inúmeras vezes, editou-se como programa de televisão, em 2010, adaptaram-na para o cinema. É importante pontuar que o sucesso da novela foi tanto que Quincas Berro Dágua é nome de uma praça na cidade de Salvador/Bahia desde 1990, momento da revitalização do Pelourinho.

Mas, para além da amplitude de adaptações e ressonância da obra inquieta-nos discutir questões chave, ou seja, em que medida Quincas esboça uma versão de sujeito sociológico? O que tenta moldar as atitudes dele? Para refletir sobre essas questões acreditamos ser necessário discutir as noções de identidade cultural e o conceito de dispositivo por pensarmos que tais conceitos, se não nos trazem respostas prontas, podem nos fornecer bases importantes para pensarmos nas questões pontuadas.

Em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2005), Stuart Hall descreve três noções de sujeito: do iluminismo, sociológico e pós-moderno. O que define o primeiro é o fato de ele ser constituído com uma essência nata e imutável, "O centro essencial do ser era a identidade de uma pessoa" (HALL, 2005, p. 11), além do mais, nessa concepção de sujeito o que estava em evidência era um modelo de masculino, branco e heterossexual. Por seu turno o sujeito sociológico surge a partir das contribuições de C. H. Mead, C. H. Cooley, bem como de outros interacionistas simbólicos, esse conceito de sujeito tem como característica básica a sua constituição a partir da interatividade com a sociedade, ou seja:

De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica, da questão, a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2005, p. 11).

Para Hall, o sujeito pós-moderno, se diferencia dos outros tipos anteriores pelo fato dele viver sem identidades fixas, constituindo em identificações circunstanciais, a identidade "É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em momentos diferentes [...]" (HALL, 2005, p. 13), dentro de cada um existe

identidades contraditórias, a identidade fixa, unificada consiste, nessa concepção de sujeito, numa fantasia pelo fato desse sujeito já não ter mais centro.

Das três concepções de sujeito descritas por Hall interessa-nos, pois, a noção de sujeito sociológico, uma vez que, este sujeito interage com o mundo cultural exterior a ele e as identidades oferecidas por esse mundo. Como esta relação sujeito x sociedade se articula em Quincas Berro Dágua é uma questão importante para se pensar a construção identitária pelo fato dele destoar de padrões sociais preestabelecidos. Talvez a noção de dispositivo possa nos ajudar a pensar naquela questão. No livro *A ordem do discurso* (2004), Michel Foucault diz que:

Eis a hipótese que gostaria de apresentar esta noite, para fixar lugar- ou talvez o teatro muito provisório- do trabalho que faço: suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2004, p. 8-9).

A fala de Foucault aponta para um controle prévio das ações do sujeito, mas o que seria aquela produção controladora, seletiva, organizadora e que redistribui os discursos? Em *O que é contemporâneo? e outros ensaios* (2009), Giorgio Agamben, no capítulo cujo título é 'O que é dispositivo?', demonstra como a noção de positividade é descrita por Hyppolite, que por seu turno, embasa-se em Hegel para quem tal conceito consiste em regras impostas aos indivíduos por forças externas, mas que se naturalizam em crenças e sentimentos. Dessa forma, o autor argumenta que Foucault, contrariamente ao posicionamento de Hegel, não está interessado numa convergência ou numa conciliação entre o sujeito e a positividade, conceito que segundo Agamben reaparece nos trabalhos do próprio Foucault com outra terminologia, dispositivo.

Nessa perspectiva, para Agamben, a preocupação de Foucault direciona-se em questionar como a positividade, ou o dispositivo age nos mecanismos e nos jogos de poder que existem nas instituições (escola, prisões, manicômios etc.), Agamben não apenas analisa a noção de dispositivo como também ativa ampliações significativas, para ele, o dispositivo

não é apenas o poder disciplinar que se articula nas instituições oficiais, para além disso, o dispositivo está em todos os lugares onde existem viventes, ele é qualquer coisa que tenta esquadrihar, controlar, determinar, interceptar, moldar gestos, ações, discursos, um dispositivo pode ser, um cigarro, a literatura, telefone, a linguagem etc. (AGAMBEN, 2009, p. 40-41).

Deste modo, qualquer forma que dite normas, prescrevam ações e comportamentos, articulem um controle, pode ser considerada um dispositivo. Esse controle, como nos mostra Agamben, molda ações, desejos, ocupações, divertimentos, a saúde de sujeitos dóceis os quais estejam dispostos a concordar passivamente, sem questionar os motivos pelos quais eles tenham que agir segundo padrões e regras sociais (AGAMBEN, 2009, p. 49). Por isso, entendemos ser a noção agambeniana de dispositivo, fundamental para pensar como o comportamento de Quincas se rebela contra o exemplo de bom pai, "cidadão perfeito", mas como fazer funcionar uma articulação entre os conceitos de sujeito sociológico e dispositivo na literatura?

Para pensar a relação entre a novela *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, e posicionamentos da sociologia (articulação do sujeito sociológico) e da filosofia (o dispositivo) nos recorreremos, primeiramente, à perspectiva de Roland Barthes, para quem "A literatura assume muitos saberes" (BARTHES, 1979, p. 18), é possível identificar variadas disciplinas na literatura. Mas se através da literatura podemos perceber, ressonâncias de saberes outros, não seria lugar comum relacioná-la às outras áreas do conhecimento? Receamos que nem sempre esta tarefa foi possível.

Em *Teoria da literatura: uma introdução* (2003), Terry Eagleton aponta que o conceito de literariedade, desenvolvido pelos formalistas russos, defendia um ideal estético de linguagem que só era utilizada na literatura e do estudo, prioritariamente, dessa linguagem ocuparia as reflexões sobre a literatura, pelo fato de ela ter uma linguagem peculiar, no entanto, Eagleton prova que não é possível uma linguagem que só funciona dessa forma, ele demonstra que tanto os usos cotidianos de uma língua podem está

presente na literatura, como existem possibilidades de as pessoas elaborarem falas que para alguns poderia ser considerada como literatura, ou seja:

O contexto mostra-me que é literário, mas a linguagem em si não tem nenhuma propriedade ou qualidade que a distinga de outros tipos de discurso, tanto que poderíamos perfeitamente dizer isso num bar, sem provocar a admiração dos outros pela nossa habilidade literária. (EAGLETON, 2003, p. 8)

Outro posicionamento importante é o de Tania Franco Carvalhal que destaca a confluência de diversas áreas do saber como uma estratégia que potencializa os estudos da literatura. Ela mostra que a literatura comparada "De sua fase inicial, em que era concebida como subsidiária da historiografia literária ("une branche de l 'histoire littéraire", como diria Carré) passa a exercer outras funções, mais adequadas a outros tempos" (CARVALHAL, 1991, p. 9). Além do mais, Eneida de Souza acrescenta; um diferencial importante dessa corrente de estudos é o fato de que:

A Literatura Comparada, dentre os vários objetivos a que se propõe, incide na relação entre culturas, reacendendo a polêmica da dependência cultural como forma de se repensar a própria identidade, encarada numa perspectiva que envolve a literatura e outros discursos a ela relacionados. Ao sujeito que se expõe como ator na cena enunciativa se justapõe o conceito de identidade cultural construído simultaneamente à encenação conjunta da realidade histórico-social e literária (SOUZA, 1991, p. 35).

Apontada as articulações interdisciplinares da Literatura Comparada, defendida por Eneida de Sousa e Carvalhal, endossada pelas contribuições de Terry Eagleton e Barthes, torna-se viável uma discussão que visa perceber como o sujeito sociológico descrito por Hall se articula para driblar o que Agamben vai chamar de dispositivo. Se atentarmos para os modos pelos quais Joaquim Soares da Cunha demonstra um comportamento que marcado, recomendado, esquadrinhado, e cunhado pela sua família, de modo que:

A morte apaga, com sua mão de ausência, as manchas do passado e da memória do morto fulge como diamante. Essa a tese da família, aplaudida por vizinhos e amigos. Segundo eles, Quincas Berro Dágua, ao morrer voltará a ser aquele antigo e respeitável Joaquim Soares da Cunha, de boa

família, exemplar funcionário da Mesa de Rendas Estadual, de passo médio, barba escanhoadada, paletó negro de alpaca, pasta sob o braço, ouvido com respeito pelos vizinhos, opinando sobre o tempo e a política, jamais visto num botequim de cachaça caseira e comedida (AMADO, 2006, p. 6).

De fato, aquele personagem era moldado por dispositivos que o tornaram modelo exemplar, suas ações esquadrihadas numa lógica resumida por Agamben da seguinte maneira: "Recapitulando, temos assim, duas grandes classes, os seres viventes (ou as substâncias) e os dispositivos. E entre os dois como terceiro, os sujeitos" (AGAMBEN, 2009, p. 41), o sujeito, nessa perspectiva, é fruto de combates entre os viventes e o dispositivo, na ótica de Hall isso seria uma relação de construção identitária do sujeito sociológico, pois, essa construção é articulada entre a sociedade e o eu. Então quem emerge nesse embate? Vejamos um trecho da novela:

Era curioso: não se recordava de muitos pormenores ligados ao pai. Como se ele não participasse ativamente da vida da casa. Poderia passar horas a lembrar-se de Otacília, cenas, fatos, frases, acontecimentos onde a mãe estava presente. A verdade é que Joaquim só começa a contar em suas vidas quando, naquele dia absurdo, depois de ter tachado Leonardo de "bestalhão", fitou a ela e a Otacília e soltou-lhe na cara, inesperadamente: - Jararacas!  
E com a maior tranqüilidade, como se tivesse a realizar o menor e mais banal dos atos, foi-se embora e não voltou. (AMADO, 2006, p. 34-35)

O personagem central rompe com moldes sociais, e de "substância", seguidor do dispositivo que lhe controla, passa ser sujeito sociológico, fruto do combate entre a norma de controle exercida pela família e sua vontade própria. Vale aqui resaltar que, de acordo com Sergio Vinicius dos Santos, a Bahia no início dos anos 1960 iniciava tardiamente um processo de industrialização<sup>2</sup>, nesse processo, como salienta Joice Kelly Lima Nogueira, "Até a década de 1950, o modelo que predominava no Brasil era a família nuclear burguesa [...] (NOGUEIRA, 2011, p.39)". A família nuclear, na perspectiva de Philippe Ariès, apresenta a seguinte peculiaridade:

<sup>2</sup> ver: <http://www.visiteabahia.com.br/visite/historiadabahia/detalhes.php?id=11>.

A história aqui esboçada sob um certo ponto de vista, surge como a história da emersão da família moderna acima de outras formas de relações humanas que prejudicavam seu desenvolvimento. Quanto mais o homem vive na rua ou no meio de comunidades de trabalho, de festas, orações, mas essas comunidades monopolizam não apenas seu tempo, mas também seu espírito, e menor é o lugar da família em sua sensibilidade (ARIÈS, 1981, p. 237-238).

Na perspectiva agambeniana, é justamente esse afastamento de Quincas, bem como negação da convivência com seus parentes que o tornam sujeito. Mas, ao se deparar com isso, a família que desejava esquadrinha-lo cria dispositivo, para controlar a imagem de Quincas seus parentes articulam "[...] uma primeira morte, senão física pelo menos moral [...]" (AMADO, 2006, p. 3) para Francisco Xavier Solé Zapatero esta morte:

No obstante, para acabar de entender esta entreverada trama, hay que tener presente que Quincas sufrió una triple muerte: una moral, acontecida diez años antes, cuando, al abandonar su hogar, dejó de ser Joaquín Soares da Cunha, para convertirse en Quincas Berro de Dágua, motivo principal de los comentarios y reflexiones de la familia (...)³.

O sentido da morte moral de Quincas só funciona para suspender uma existência que nega o dispositivo de controle, no caso, é a família, esse dispositivo não age de maneira ingênua para Agamben "O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre numa relação de poder" (AGAMBEN, 2009, p. 29). Se num momento anterior o dispositivo moldava/esquadrinhava a ação de Joaquim Soares da Cunhas, em sua morte social, o pagamento consistia numa estratégia que maquinava conservar e controlar a imagem dum exemplo perfeito de submissão às normas defendidas pela família. Observemos a seguinte passagem da novela:

A ponto de seu nome não ser pronunciado e seus feitos não serem comentados na presença inocente das crianças, para as quais o avó Joaquim, de saudosa memória, morrera há muito, decentemente, cercado

---

<sup>3</sup>Ensaio disponível na internet no site: [http://www.uaemex.mx/plin/colmena/Colmena\\_72/Aguijon/la\\_muerte\\_Quincas\\_Berro\\_Dagua.pdf](http://www.uaemex.mx/plin/colmena/Colmena_72/Aguijon/la_muerte_Quincas_Berro_Dagua.pdf). Tradução minha. No entanto, para entender melhor esse padrão listado, deve ser lembrado que Quincas sofreu uma morte tripla: a moral, o que ocorreu 10 anos antes, quando, depois de deixar sua casa, deixou de ser Joaquim Soares da Cunha, para se tornar Quincas Berro Dagua, principal razão para os comentários e reflexões da família (...).

de estima e respeito de todos. O que nos leva a constatar ter havido uma primeira morte, senão física pelo menos moral datada de anos antes, somando um total de três, fazendo de Quincas um recordista da morte (...) a partir do atestado de óbito até seu mergulho no mar- uma farsa montada por ele com o intuito de mais vez atazanar a vida dos parentes, desgostá-los a existência, mergulhando-os na vergonha e nas murmurações da rua (AMADO, 2006, p. 3).

Fica bastante evidente que a lógica do dispositivo/família ao articular aquela morte de Quincas, é estrategicamente direcionada ao apagamento social do personagem, para este dispositivo/família é preciso banir da memória, melhorar a imagem, suavizar as ações, esconder o avó errante das crianças, criar uma imagem recheada de retidão dum Joaquim Soares da Cunha há dez anos desprezada por Quincas. Mas como Quincas sobressaia vitorioso de mais uma tentativa de esquadramento confabulada por aquele dispositivo? Notemos:

Infelizmente, porém, de quando em vez algum vizinho, um colega qualquer de Leonardo, amiga faladeira de Vanda (a filha envergonhada), encontrava Quincas ou dele sabia por intermédio de terceiros. Era como se um morto se levantasse do túmulo para macular a sua própria memória: estendido bêbado, ao sol, em plena manhã alta, nas imediações da rampa do Mercado ou sujo e maltrapilho, curvados sobre cartas sebatas no átrio da igreja do Pilar ou ainda cantando com voz rouquenha na ladeira de São Miguel, abraçado a negras e mulatas de má fama. Um horror! (AMADO, 2006, p. 6-7).

Vale acrescentar que, ao discorrer sobre Quincas Berro Dágua, Ana Maria Machado diz: "O herói de Jorge Amado é um homem ou uma mulher que diz não, um rebelde que não admite os mecanismos opressores da sociedade" (MACHADO, 2006, p. 74), dessa forma, a resposta de Quincas aos mecanismos de controle é esta "Com o rabo do olho, Vanda espiou o morto. Lá estava ele sorrindo, achando tudo aquilo infinitamente engraçado" (AMADO, 2006, p. 18). Mas seria esse sorriso e o rompimento com a família/dispositivo faz parte das formas de isentar Quincas das influências externas completamente?

Após a saída de seus familiares do velório, os amigos de Quincas levaram-no para as ruas, "Curió e Pé-de-Vento saíram na Frente. Quincas, satisfeito da vida, num passo de

dança ia entre Negro Pastinha e Cabo Martim de braços dados (AMADO, 2006, p. 62). A relação com aquele ambiente da rua era tamanha que "Quincas Berro D'água estava num dos seus melhores dias" (AMADO, 2006, p. 63). Mesmo nessa segunda morte ele diverte-se numa noitada bastante agitada e errante na rua.

Em *Carnavais malandros e heróis: para uma sociologia da dialética do dilema brasileiro* (1997), Roberto DaMatta, faz uma análise das diferenças entre a casa e a rua, de modo que, ele aponta situações distintas sobre esses lugares, se por um lado em casa o sujeito tem que negar-se, desativar seus próprios desejos em detrimento do bem comum à todos, mas vive em segurança, na rua não existe lei, lugar de desordem e inconstância. Este modo de vida errante da rua, preferido por Quincas está relacionado com o sujeito sociológico de Hall, muito embora esse personagem tenha esboçado rompimentos revolucionários contra o dispositivo/família articuladora do mecanismo de controle, ele internaliza o gosto pela rua e externa a vontade de divertir-se com os amigos da rua, sua identidade é articulada na interação com aqueles outros sujeitos, uma vez que:

Essa "internalização" do exterior no sujeito, e essa "externalização" do interior através da ação do mundo social (como discutida antes) constituem a descrição sociológica primária do sujeito moderno e estão compreendidas na teoria da socialização (HALL, 2005, p. 31).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando como base as leituras destacadas, percebemos que a construção identitária de Quincas Berro D'água está relacionada com a concepção de sujeito sociológico apontada por Hall, as formas de identificação dele estão muito ligadas interativamente com os ambientes sociais os quais ele experimenta, se quando Joaquim Soares da Cunha vivia de passo médio, barba escanhoada, nunca andava em bar de cachaça barata, quando se desloca para o ambiente da rua torna-se um boêmio, livre/errante, como um amante do que a rua lhe proporciona.

E nesta construção sociológica, ele diz não ao controle familiar, que por sua vez, se não consegue ao menos tenta esquadrihar, controlar, selecionar, moldar, conjurar um

Joaquim Soares da Cunha exemplar, perfeito, ou seja, ao invés de seguir à risca tais tentativas de controle, Quincas Berro Dágua desativa o dispositivo, num movimento que o coloca na posição de sujeito, fruto de combates contra a regulamentação, o controle. Em meio a todas tentativas daquela família/dispositivo, ele sorri, cria arruaças, faz valer seus desejos de amar o que a rua tem de melhor, a vida livre/errante.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução: Vinícius Nikastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

AMADO, Jorge. **A morte e a morte de Quincas Berro Dágua**. 93 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2, ed. Trad. Dora Fleksman. LTC Editora, Rio de Janeiro, 1981.

BARTHES, Roland. **Aula inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colége de France**. Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada: a estratégia interdisciplinar**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/61087097/Revista-Brasileira-de-Literatura-Comparada-01>. Consultado em 04 de setembro de 2012.

DA MATTA, Roberto, **Carnavais malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6 ed. Rocco. Rio de Janeiro, 1997.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 5 ed. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo. Martins Fontes, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Fuacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MACHADO, Ana Maria. **Romântico, sedutor e anarquista: Como e por que ler Jorge amado**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2006.

NOGUEIRA, Joice Kelly Lima. **Escola versus família: representações mútuas e conflitos.** Monografia disponível em: <http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-Joice-Kelly-Lima.pdf>. Acesso: 30 de jan.

SANTOS, Sergio Vinicios dos. **O desenvolvimento do turismo na Bahia.** Disponível em: <http://www.visiteabahia.com.br/visite/historiadabahia/detalhes.php?id=11>. Acesso 31 de jan de 2013.

SOUZA, Eneida Maria de. **Sujeito e identidade cultural.** Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/98286152/Revista-Brasileira-de-Literatura-Comparada-01>. Consultado em 20 de setembro de 2012.

ZAPATERO, Francisco X. S. **La muerte y la muerte de Quincas Berro Dágua: problemas de su solución artística.** Disponível em: [http://www.uaemex.mx/plin/colmena/Colmena\\_72/Aguijon/la\\_muerte\\_Quincas\\_Berro\\_Dagua.pdf](http://www.uaemex.mx/plin/colmena/Colmena_72/Aguijon/la_muerte_Quincas_Berro_Dagua.pdf). Acesso 31 de jan. de 2013.

**Recebido:** 25/06/2012

**Aprovado:** 11/10/2012